

Nº do documento:	(S/N)	Tipo do documento:	PROJETO DE LEI
Descrição:	DENOMINA MARIA ARAÚJO SAMPAIO VIDAL (BAÍÁ) O CENTRO EDUCAÇÃO INFANTIL A SER CONSTRUÍDO EM PORTEIRAS		
Autor:	99860 - DEPUTADO GUILHERME LANDIM		
Usuário assinador:	99860 - DEPUTADO GUILHERME LANDIM		
Data da criação:	17/06/2025 10:33:47	Data da assinatura:	17/06/2025 10:34:56



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

GABINETE DO DEPUTADO GUILHERME LANDIM

AUTOR: DEPUTADO GUILHERME LANDIM

PROJETO DE LEI
17/06/2025

**DENOMINA DE MARIA ARAÚJO SAMPAIO VIDAL (BAÍÁ),
O CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL A SER
CONSTRUÍDO NO BAIRRO PORTAL DA ILHA,
MUNICÍPIO DE PORTEIRAS/CE.**

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ DECRETA:

Art. 1º. Fica denominado de MARIA ARAÚJO SAMPAIO VIDAL (BAÍÁ), o Centro de Educação Infantil, a ser construído no Bairro Portal da Ilha, município de Porteiras/CE.

Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões em 17 de junho de 2025.

Guilherme Landim

Deputado Estadual

JUSTIFICATIVA

Popular e carinhosamente conhecida como Baía, a Sra. Maria Araújo Sampaio Vidal foi uma cidadã porteirense, dona de casa e professora regular pelo Estado do Ceará, nascida no sítio Oitis, zona rural do município de Porteiras, em 27 de fevereiro de 1957, filha do comerciante Geraldo Filgueira Sampaio e da dona de casa Zuleica Salviano de Araújo.

Desde muito jovem Maria era curiosa, leitora assídua de numerosos romances, novelas e enciclopédias que chegavam às suas mãos; gostava de aprender e de repassar seu conhecimento, já em uma prévia manifestação da profissão que exerceria por toda a vida: Professora. Ela tinha a habilidade única de reunir pessoas em torno do seu convívio social, despertando sorrisos, histórias e o afeto de cada um ao seu entorno.

Quando Maria ainda era criança, seus pais mudaram-se do sítio Oitis para a zona urbana de Porteiras, residindo em uma casa na Rua Joaquim Távora. Maria cursou o ensino primário na Escola Balbina Viana Arraes, no município vizinho, Brejo Santo, e em seguida cursou o Ensino Médio Regular em uma escola em Juazeiro do Norte, cursando até o quarto ano regular e capacitandose como professora. Batalhadora que era, cursou o ensino médio enquanto criava seu primeiro filho, fruto do casamento, em 1975, com o Sr. Raimundo Vidal da Luz, comerciante e agricultor também nascido e criado em Porteiras.

Pessoas conhecidas e bem quistas na sociedade porteirense, a Sra. Maria e o Sr. Raimundo eram convidados regularmente para inúmeros casamentos e batizados na região. Nessas celebrações Maria era presença marcante; e mesmo sendo figura de importância para a festa (como quando era madrinha dos noivos ou da criança a ser batizada) ela ia para a cozinha ajudar na preparação das comidas do evento e ajudar a servir os convidados, numa demonstração prática de humildade, diligência e, principalmente, de coletividade. Ela não tinha a vaidade (tão comum hoje em dia) do status quo das personas públicas em seus meios de fama: ela queria apenas fazer a diferença entre sua gente, ser pessoa-peça útil na maquinaria social e comunitária da qual fazia parte.

Maria gostava de estar entre a gente - e não somente estar presente, mas também e principalmente ouvindo as pessoas, abrindo a escuta e prestando atenção a elas e, quando era o caso, buscando formas de ajudá-las. Ela não gostava de ver ninguém triste, passando necessidade ou vivendo sozinho. Em ações de puro altruísmo e caridade, Maria levava mantimentos para pessoas em situação de vulnerabilidade social, em situação de insegurança alimentar ou de fome, tanto na periferia da cidade quanto na zona rural. Ela também não se conformava em ver crianças nas ruas, doentes ou sem cuidados básicos: Maria os levava para casa e cuidava pessoalmente para que sarassem – tanto que seus filhos biológicos cresceram com a presença natural de outras crianças em casa: eram os Filhos dos Cuidados de Maria.

O almoço em casa não era feito apenas para ela e sua família, mas também para mais gente: sempre havia o “de comer” para quem vinha de fora, visitas, amigas ou simplesmente alguém que ela achava que precisava de uma boa refeição. Ela preferia partilhar o pouco que tinha, ainda que lhe fizesse certa falta, a deixar a outra pessoa sem alguma coisa de que precisasse. Ela preferia a comunidade partilhando o pouco ao invés de ser a única com “muito”.

Maria despertava a inerente habilidade gregária do ser humano, algo tão fundamental no exercício da coletividade. Ficaram famosas na cidade as “Caminhadas com Dona Baía”, caminhadas no finalzinho da tarde, onde ela reunia toda a criançada da vizinhança e, também, alunos seus de outros bairros para irem caminhar juntos, para fazer atividade física - quando esse tema nem era pauta na educação cívica e regular de um cidadão! Famosos também eram os “Guisados de Dona Baía”, excursões para os sítios de toda a zona rural porteirense, onde ela reunia adultos, adolescentes e toda a criançada da cidade para fazer um piquenique e passar o dia em meio à natureza, fazendo comida na fogueira, conversando e brincando ao ar livre, resgatando e mantendo o espírito comunitário de toda a gente.

Foi, inclusive, com base nesse espírito comunitário e na extrema habilidade de ser “gente como a gente” que ela ajudou expressamente nas duas campanhas eleitorais que levaram o Sr. Raimundo Vidal da Luz,

seu esposo, à Câmara dos Vereados de Porteiras, em 1982 e em 1988. Nada melhor para angariar votos do que uma “cabo eleitoral” que reúne gente em torno de si e desperta no povo o carinho e a confiança que apenas a sinceridade, a gentileza e a fé no outro são capazes de despertar.

Professora dedicada e humanizada, contribuiu enormemente para o avanço da educação no município, tornando-se uma das melhores alfabetizadoras de sua época. Com sua habilidade ímpar de escutar e prestar atenção ao outro, e seu fino trato com as pessoas, conseguia extrair o melhor de cada aluno seu e, também, conseguia engajar a família do aluno no processo de educação, passando também noções de civilidade, convívio em grupo e harmonia familiar. Maria não restringia sua atuação como professora apenas dentro das salas de aulas: ela ensinava a todo instante, através dos exemplos de sua postura de vida e de sua índole honesta, sincera, acolhedora, alegre e, quando necessário, rígida também.

Seu apelido entre o povo, “Baía”, tem sua explicação perdida nas miudezas da vida e na vastidão do Tempo, mas, para este autor que vos escreve, esse apelido é sugestivamente poético: assim como se pode facilmente aportar um barco nas águas calmas de uma baía oceânica, a Maria-Baía abraçava e acalmava as agitações mais profundas das tribulações diárias de suas amigas, de suas vizinhas e de sua comunidade. Ela era porto seguro, pessoa-porto onde ancorar e repousar em meio às intempéries da vida sertaneja. Era um Mar no meio do Sertão.

Maria foi uma diletta Dona de Casa, Mãe amorosa, Professora competente e Líder Comunitária pioneira e atuante em Porteiras, deixando um legado de memória e de afeto que perpassa e representa a alma coletiva do povo porteirense.

Maria teve 3 filhos - Aglésio, Wanderberg e Wesley -, que a seus modos herdaram dela sua disposição e simplicidade, seu caráter íntegro e o espírito gregário e o seu amor pela cultura e o conhecimento; e que tentam passar esse legado adiante para seus filhos, sobrinhos e todos que convivem com eles. Em 1989, então com 32 anos, Maria havia acabado de dar à luz ao seu terceiro filho quando, em um autoexame de rotina, descobriu um câncer de mama - uma das doenças que até hoje mais mata mulheres no Brasil. Baía lutou bravamente por sua vida, indo buscar tratamentos em Fortaleza; e essa batalha durou quase dois anos, travada enquanto Maria começava a criar seu filho recém-nascido. Guerreira e forte como as inúmeras Marias do nosso Brasil, Baía venceu o câncer, curou-se e voltou para casa para tocar a vida em frente. Mas quis o destino – essa força constante e imprevisível – que outra das duas doenças que mais ceifam as vidas das mulheres em nosso País a levasse: em 13 de Janeiro de 1991, prestes a completar 34 anos, Maria faleceu vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Mas, se a morte é imprevisível e implacável, a memória humana é seu maior obstáculo: ela preserva, mantém, encanta, eterniza. Maria Araújo Sampaio Vidal permaneceu na memória de seus alunos, de suas amigas, de seus filhos, afilhados e familiares e de seu amado marido. Pouco depois de seu falecimento, Maria foi homenageada com o nome de uma linda praça em Porteiras, um símbolo físico da coletividade e da comunhão porteirenses que Baía tanto suscitou e representou.

Maria encantou-se e, assim, permanece em cada labareda de fogueira crepitando nos guisados nos sítios, em cada roda de conversa nas calçadas e nas praças, em cada ação altruísta e social. Maria vive no espírito comunitário porteirense. Como diz o poeta em uma música que leva seu tão belo nome: Maria tinha graça, tinha manha, tinha (e muitos!) sonhos, sempre, e trazia em si a estranha mania de ter fé na vida.

Assim, por todo o exposto, e na certeza de sua aprovação, inclusive do regime de tramitação, submetemos o presente projeto de lei a apreciação desta Augusta Casa Legislativa.

Sala das Sessões em 17 de junho de 2025.



DEPUTADO GUILHERME LANDIM

DEPUTADO (A)